

ANNE de
WINDY POPLARS



L. M. MONTGOMERY

ANNE de
WINDY POPLARS

 editora
coerência



TRADUÇÃO
Ane Forcato

Copyright © L. M. Montgomery, 1936
Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

TÍTULO ORIGINAL

Anne of Windy Poplars

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

TRADUÇÃO
Ane Forcato

PREPARAÇÃO
Monique Dorazio

REVISÃO
Bianca Gulim

CAPA
Mirella Santana

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Montgomery, L.M.
Anne de Windy Poplars / L. M. Montgomery; tradução de Ane Forcato. – 1ª edição
– São Paulo: Coerência, 2021

Título original: Anne of Windy Poplars
ISBN: 978-65-87068-86-2

1. Literatura infantojuvenil I. Título

CDD: 028.5



São Paulo

Avenida Paulista, 326,
cj 84 - Bela Vista
São Paulo / SP – 01.310-902
www.editoracoerencia.com.br

PRIMEIRO ANO



Carta de Anne Shirley, bacharel em artes, diretora do colégio de Summerside, a Gilbert Blythe, estudante de medicina na Faculdade Redmond, Kingsport:

*Windy Poplars,
Alameda do Fantasma,
Summerside, Ilha do Príncipe Eduardo,
Segunda-feira, 12 de setembro.*

Queridíssimo,

Veja que endereço! Já ouviu algo tão delicioso? Windy Poplars é o nome do meu novo lar, e eu o amo. Também amo a Alameda do Fantasma, a qual não existe legalmente. Deveria ser Rua Trent, porém jamais é chamada assim, exceto nas raras ocasiões em que é mencionada no Weekly Courier... e daí as pessoas se olham e dizem: “Mas onde é que fica isso?”. Então é Alameda do Fantasma... ainda que eu não possa lhe dizer por quê. Já perguntei a Rebecca Dew a respeito, mas tudo o que ela pode dizer é que sempre se chamou Alameda do Fantasma, e houve algum rumor



anos atrás de que seria assombrada. Contudo, ela nunca viu nada de pior aparência do que ela mesma por lá.

De qualquer forma, não devo me adiantar à minha história. Você ainda não conhece Rebecca Dew, mas irá conhecê-la. Oh, sim, você irá. Prevejo que Rebecca Dew aparecerá bastante na minha correspondência futura.

É o ocaso, queridíssimo — aliás, “ocaso” não é um termo adorável? Gosto bem mais do que de “crepúsculo”. Soa tão aveludado e sombrio e... e... escuro. À luz do dia, pertencço ao mundo... à noite, ao sono e à eternidade; mas, ao ocaso, sou livre dos dois, e pertencço somente a mim mesma... e a você. Então mantereirei este horário sagrado para lhe escrever. Mesmo que esta não seja uma carta de amor. Tenho uma caneta áspera e não posso escrever cartas de amor com uma caneta áspera... ou com uma caneta afiada... ou um toco de caneta. Então você só receberá esse tipo de carta de mim quando eu tiver exatamente o tipo certo de caneta. Enquanto isso, vou lhe contar sobre meu novo domicílio e seus moradores. Gilbert, eles são tão queridos.

Vim para cá ontem a fim de procurar uma pensão. A sra. Rachel Lynde veio comigo, aparentemente para fazer umas compras; mas, na verdade, eu sei que foi para escolher uma pensão para mim. Apesar de meu curso em literatura e de meu bacharelado em artes, a sra. Lynde ainda me considera uma juvenzinha inexperiente que precisa ser guiada, dirigida e supervisionada.

Vimos de trem e, oh, Gilbert, tive a aventura mais engraçada. Você sabe que sempre fui uma pessoa para a qual as aventuras vêm sem serem chamadas. Parece que eu as atraio, do jeito como aconteceu.

Foi bem quando o trem estava parando na estação. Eu me levantei e, inclinndo-me para apanhar a mala da sra. Lynde — ela planejava passar o domingo com uma amiga em Summerside —, eu me agarrei fortemente no que pensei que fosse o lustroso braço de uma poltrona. Num segundo, recebi um tapa tão violento nos dedos que quase soltei um gemido. Gilbert, o que eu tinha imaginado ser o braço de uma poltrona era a cabeça careca de um homem. Ele ficou me encarando ferozmente, e era evidente que tinha acabado de despertar. Eu me resignei a pedir

desculpas e saí do trem o mais depressa possível. Na última visão que tive dele, ainda estava me encarando. A sra. Lynde ficou horrorizada, e as juntas dos meus dedos ainda doem!

Eu não esperava ter tanta dificuldade para encontrar uma pensão, pois uma certa sra. Tom Pringle vem aceitando as diversas diretoras do colégio nos últimos quinze anos. Porém, por alguma razão desconhecida, ela repentinamente se cansou de “ser incomodada”, e não me aceitou. Diversos lugares desejáveis deram algumas desculpas educadas. Diversos outros lugares não eram desejáveis. Nós vagamos pela cidade a tarde inteira e ficamos acaloradas, cansadas, sem fôlego e com dores de cabeça... Pelo menos eu fiquei. Estava pronta para desistir, desesperada... e então, a Alameda do Fantasma simplesmente aconteceu!

Tínhamos dado uma passada para ver a sra. Braddock, uma antiga confidente da sra. Lynde. E a sra. Braddock disse que achava que “as viúvas” talvez me admitiessem.

— Ouvi dizer que elas querem uma pensionista para pagar o salário de Rebecca Dew. Não podem mais manter Rebecca, a menos que entre um dinheiro extra. E, se Rebecca se for, quem irá ordenhar a velha vaca castanha?

A sra. Braddock me fitou com um olhar severo, como se pensasse que eu deveria ordenhar a vaca castanha, contudo não acreditaria em mim nem se eu jurasse que era capaz.

— De que viúvas a senhora está falando? — inquiriu a sra. Lynde.

— Ora, tia Kate e tia Chatty — disse a sra. Braddock, como se todo mundo, até mesmo um bacharel ignorante, fosse obrigado a saber. — Tia Kate é a sra. Amasa MacComber; ela é a viúva do capitão. E tia Chatty é a sra. Lincoln MacLean, apenas uma simples viúva, mas todos as chamam de “tia”. Elas moram no final da Alameda do Fantasma.

Alameda do Fantasma! Foi o que determinou a questão. Eu sabia que tinha de ficar na pensão das viúvas.

— Vamos vê-las de uma vez — implorei à sra. Lynde.

Parecia-me que, se nós perdêssemos um só instante, a Alameda do Fantasma iria desvanecer de volta ao mundo das fadas.

— Pode ir vê-las, mas será Rebecca que realmente decidirá se elas aceitarão você ou não. Rebecca Dew é quem manda no galinheiro em Windy Poplars, eu lhe garanto.

Windy Poplars! Álamos Ventosos! Não podia ser verdade... não, não podia. Eu devia estar sonhando. E a sra. Rachel Lynde estava mesmo falando que era um nome engraçado para um lugar.

— Ah, o capitão MacComber colocou esse nome. Era a casa dele, sabe? Ele plantou todos os álamos ao redor dela e era poderosamente orgulhoso deles, ainda que pouco viesse para casa e nunca ficasse por muito tempo. Tia Kate costumava dizer que era inconveniente, mas nunca descobrimos se ela queria dizer sobre ele ficar pouco ou sobre ele voltar. Bem, srta. Shirley, espero que consiga. Rebecca Dew é uma ótima cozinheira e um gênio com batatas frias. Se ela de repente a acolher, a senhorita vai ter tirado a sorte grande. Se ela não quiser... bem, ela não vai, e pronto. Ouvi dizer que há um novo banqueiro na cidade que está à procura de pensão, e ela pode o preferir. Foi meio engraçado a sra. Pringle não escolher você. Summerside é cheia de Pringle e meios Pringle. São chamados de “Família Real” e é preciso alcançar o lado bom deles, srta. Shirley, senão a senhorita nunca vai se dar bem no colégio de Summerside. Eles sempre governaram tudo na região... Há uma rua com o nome do capitão Abraham Pringle. Há um clã deles, mas são as duas velhas senhoras em Maplehurst que mandam na tribo. Ouvi que elas estavam criticando a senhorita.

— Por que fariam isso?! — exclamei. — Sou uma total estranha para elas.

— Bem, uma prima de terceiro grau delas se candidatou à diretoria e elas achavam que ela deveria ter conseguido. Quando sua inscrição foi aceita, aquele bando todo jogou a cabeça para trás e uivou. As pessoas são assim. Temos de aceitá-las do jeito que as conhecemos, sabe? Elas podem ser macias como veludo na sua frente, mas lutarão contra você o tempo todo. Não quero desencorajá-la, mas prevenir e deixá-la precavida. Espero que a senhorita seja um sucesso só para o despeito delas. Se as viúvas a aceitarem, a senhorita não vai se incomodar de fazer a refeições com Rebecca Dew, vai? Saiba que ela não é uma empregada; é uma prima distante do capitão. Ela não se senta à mesa quando há companhia, então sabe o lugar dela... Mas, se a senhorita fosse pensionista lá, ela não a consideraria companhia, é lógico.

Garanti à ansiosa sra. Braddock que eu adoraria fazer as refeições com Rebecca Dew e arrastei a sra. Lynde para fora. Eu precisava chegar antes do banqueiro.

A sra. Braddock nos seguiu até a porta.

— E não magoe tia Chattie, tudo bem? Ela se magoa muito fácil. É tão sensível, coitadinha. Veja, ela não tem tanto dinheiro quanto tia Kate... ainda que tia Kate não tenha lá muito também. E tia Kate gostava mesmo do marido... seu próprio marido, eu quis dizer... mas a tia Chattie não gostava... não gostava do seu próprio, eu quero dizer. Grande coisa! Lincoln MacLean era um velho esquisito, mas ela acha que as pessoas usavam isso contra ela. É uma sorte que seja sábado. Se fosse sexta-feira, tia Chatty não iria nem pensar em admiti-la. A senhorita poderia pensar que tia Kate é supersticiosa, não poderia? Marinheiros são mais ou menos desse jeito, mas essa é tia Chatty... mesmo seu marido sendo um carpinteiro. Ela era muito bonita no tempo dela, coitada.

Garanti à sra. Braddock que os sentimentos de tia Chatty seriam sagrados para mim, mas ela nos seguiu pelo caminho abaixo.

— Kate e Chatty não irão explorar seus pertences quando você estiver fora. Elas são muito conscienciosas. Rebecca Dew talvez, mas ela não vai lhe contar. E eu não usaria a porta da frente se fosse a senhorita. Elas só a usam para algo realmente importante. Não creio que tenha sido aberta desde o funeral de Amasa. Experimente a porta lateral. Elas mantêm a chave debaixo do vaso no peitoril da janela; logo, se não houver ninguém em casa, apenas destranque a porta, entre e espere. E, haja o que houver, não agrade o gato, porque Rebecca Dew não gosta dele.

Prometi que não iria agradecer o gato, e nós efetivamente fomos embora. Após muito tempo, nós estávamos na Alameda do Fantasma. É uma curta rua lateral, que leva a um terreno aberto, e, bem distante, um moinho azul lhe faz um lindo pano de fundo. De um lado não há nenhuma casa, e o terreno forma uma ladeira até a enseada. Do outro, há três. A primeira é apenas uma casa... não há mais nada para se falar sobre ela. A seguinte é uma melancólica mansão bem-feita de tijolos vermelhos, grande e imponente, com um telhado de quatro águas rugoso de janelas de telhado e uma grade de ferro ao redor do terreno plano cercado de tantos abetos

e pinheiros que mal se consegue ver a casa. Deve ser assustadoramente escura por dentro. E a terceira e última é Windy Poplars, bem na esquina, com um caminho de grama alta na frente e uma verdadeira rua interiorana, linda com a sombra das árvores, do outro lado.

Eu me apaixonei no mesmo instante. Você sabe que há casas que nos causam impressão à primeira vista por alguma razão que não conseguimos definir. Windy Poplars é assim. Eu talvez a descreva como uma casa de molduras brancas, muito brancas, e com persianas verdes, muito verdes... com uma “torre” no canto e uma janela de telhado de cada lado, um muro baixo de pedras a separando da rua, com álamos alpinos plantados a intervalos ao longo dele, e um jardim grande nos fundos, onde flores e legumes crescem lindamente misturados. Mas tudo isso não lhe transmite seu charme. Para resumir, é uma casa com uma personalidade deliciosa e há nela algo do sabor de Green Gables.

— Para mim este é o lugar. Foi predestinado — eu disse, toda entusiasmada.

A sra. Lynde olhou para mim como se não confiasse muito em predestinação.

— Será uma caminhada bem longa até a escola — ela falou, em dúvida.

— Não me importo. Será um bom exercício. Oh, veja esse bosque de bétulas e bordos do outro lado da rua.

A sra. Lynde olhou, mas tudo o que disse foi:

— Espero que você não fique coberta de picadas de mosquito.

Eu também espero. Detesto mosquitos. Um mosquito pode me manter mais acordada do que uma consciência pesada.

Fiquei grata por não precisarmos entrar pela porta da frente. Tinha uma aparência tão proibida... Era grande e de folha dupla, feita de madeira pintada, ladeada por painéis de vidro vermelho florido. Não parecia pertencer à casa, de jeito nenhum. A pequena porta lateral verde, que alcançamos por um simpático caminho de pedras lisas afundadas na grama a intervalos, era muito mais amigável e convidativa. As bordas do caminho eram feitas de canteiros de capim-amarelo, corações-sangrentos, lírios-tigres, cravinas, abrótanos, crássulas, margaridas vermelhas e brancas e as que a sra. Lynde chamou de “peônias”. Claro que elas não estavam todas em

flor nesta estação, mas você podia ver que haviam florido no tempo certo, e florido bem. Havia uma trama de rosas num canto afastado entre Windy Poplars e a mansão triste, próximo a um muro de pedra todo coberto de hera-americana, com um arco de treliça sobre uma porta verde desbotada. Uma vinha saía diretamente dela, então era bem óbvio que fora aberta pela última vez havia algum tempo. Era mesmo só metade de uma porta, enquanto sua metade superior era meramente um retângulo pelo qual nós podíamos vislumbrar um jardim coberto de mato.

Assim que adentramos o portão do jardim de Windy Poplars, notei um amontoado de trevos bem no caminho. Um impulso me levou a me inclinar e olhar. Você acreditaria, Gilbert? Lá, bem na frente dos meus olhos, estavam três trevos de quatro folhas! Veja que presságio! Nem mesmo as Pringle podem questionar isso. E me senti segura de que o banqueiro não tinha nenhuma chance.

A porta lateral estava aberta, então era evidente que havia alguém em casa, então nós não tivemos de olhar debaixo do vaso. Batemos e Rebecca Dew veio à porta. Sabíamos que era Rebecca Dew porque não poderia ter sido nenhuma outra pessoa neste mundo inteiro. Assim como ela não poderia ter nenhum outro nome.

Rebecca Dew está nos seus quarenta anos, e, se um tomate tivesse cabelos pretos fugindo de sua testa, olhinhos cintilantes, nariz pequenino com uma ponta protuberante e uma fenda no lugar da boca, ele seria exatamente igual a ela. Tudo nela é um tanto pequeno demais... Braços, pernas, pescoço e nariz... tudo menos o seu sorriso. Esse é largo o bastante para alcançar de uma orelha à outra.

Mas não vimos seu sorriso naquele momento. Ela parecia bem sombria quando perguntei se podia ver a sra. MacComber.

— Quer dizer a sra. capitão MacComber? — ela inquiriu em desaprovação, como se houvesse pelo menos uma dúzia de sras. MacComber na casa.

— Sim — falei, submissa.

E fomos introduzidas sem mais demora numa sala e deixadas lá. Era uma saleta bem bonita, um tanto atravancada com as colchas nas poltronas, porém com uma atmosfera amigável de que gostei. Cada item da mobília tinha seu lugar apropriado e estava ali por anos. Como aquela

mobília brilhava! Nenhum polimento comprado poderia produzir aquele brilho espelhado. Eu sabia que era o trabalho duro de Rebecca Dew. Havia um navio completamente equipado numa garrafa sobre a cornija da lareira, que interessou grandemente a sra. Lynde. Ela não conseguia imaginar como ele havia ido parar dentro da garrafa... mas achou que dava à sala “um ar náutico”.

As viúvas entraram. Gostei delas logo de cara. Tia Kate é alta, magra, grisalha e um tanto austera; o exato tipo de Marilla. E tia Chatty é baixa, magra e grisalha, e um tanto saudosista. Ela pode ter sido muito bonita um dia, mas nada resta de sua beleza, a não ser seus olhos. Eles são adoráveis... suaves, grandes e marrons.

Expliquei por que estava ali, e as viúvas se olharam.

— Nós precisamos consultar Rebecca Dew — disse tia Chatty.

— Sem dúvida — disse tia Kate.

Rebecca Dew foi apropriadamente convocada da cozinha. O gato veio com ela, um grande e fofo maltês, com o peito branco e uma coleira branca. Eu adoraria tê-lo acariciado, mas, lembrando-me do aviso da sra. Braddock, o ignorei.

Rebecca me contemplou sem nem o vislumbre de um sorriso.

— Rebecca — disse tia Kate, a qual, eu descobri, não desperdiça palavras —, a srta. Shirley deseja ser pensionista aqui. Não acho que possamos admiti-la.

— Por que não? — perguntou Rebecca Dew.

— Seria muito transtorno para você, temo eu — comentou tia Chatty.

— Estou habituada a transtornos — respondeu Rebecca Dew.

A gente não consegue separar esses nomes, Gilbert. É impossível... mesmo as viúvas conseguindo. Elas a chamam de Rebecca quando falam com ela. Não sei como elas conseguem.

— Somos já bem velhas para ter jovens entrando e saindo — persistiu tia Chatty.

— Fale por si mesma — retorquiu Rebecca Dew. — Tenho apenas quarenta e cinco, e ainda tenho domínio de todas as minhas faculdades. E

acho que seria muito simpático ter uma pessoa jovem dormindo em casa. Uma moça seria sempre melhor que um garoto. Ele ficaria fumando dia e noite... nos queimando em nossas camas. Se vocês tiverem de aceitar um pensionista, meu conselho seria que aceitem a ela, mas é claro que a casa é sua.

— Nós lhe daremos o quarto da torre, querida. Não é tão espaçoso quanto o quarto de hóspedes, mas tem um furo para fogão de chaminé no inverno e uma vista muito mais agradável. Você pode ver o antigo cemitério dele.

Eu sabia que iria amar o quarto. O nome, “quarto da torre”, me emocionava. Eu me sentia como se estivéssemos vivendo naquela velha canção que costumávamos cantar na escola de Avonlea sobre a donzela que “habitou uma torre alta ao lado do mar cinzento”. E o lugar provou ser o mais querido. Subimos até ele pelos degraus de uma pequena escada caracol que levava ao patamar superior. Ele é bem pequeno, mas não tão pequeno como o quarto de corredor medonho que tive no meu primeiro ano em Redmond. Ele tem duas janelas, uma que se projeta do telhado com vista para o Oeste e uma janela em um gablete voltada para o Norte, e, no canto formado pela torre, há outra janela de três faces com caixilhos que se abrem para fora com prateleiras embaixo para os meus livros. O chão é coberto de tapetes redondos trançados, a cama grande tem um dossel coberto e uma colcha de pena de ganso que parece tão perfeitamente macia e nivelada que é um pecado estragá-la dormindo nela. E, Gilbert, ela é tão alta que tenho de subir por uma engraçada escadinha, que durante o dia fica guardada debaixo dela. Parece que o capitão MacComber comprou a engehoca toda numa terra estrangeira e a trouxe para casa.

Há um armariozinho bonito de canto, com prateleiras decoradas com papel branco recortado em curvas e buquês pintados nas portas. Uma almofada redonda e azul fica no assento da janela; uma almofada com um botão fundo no centro, fazendo-a parecer uma rosquinha azul e gorda. E há um lavatório encantador com duas prateleiras: a de cima com tamanho apenas para uma bacia e jarro verde-azulado, e a de baixo para a saboneteira e para a ânfora de água quente. Uma gavetinha de puxador de latão guarda toalhas, e sobre a prateleira acima dele uma senhora de

porcelana branca se senta, com sapatos cor-de-rosa, faixa dourada e uma rosa vermelha nos seus cabelos dourados.

Todo o lugar fica dourado pela luz que atravessa as cortinas cor de milho e há a mais rara tapeçaria na parede branqueada, em que os padrões sombreados dos álamos do lado de fora se projetam; uma tapeçaria viva, sempre mudando e estremecendo. De certo modo, dá a impressão de ser um quarto muito feliz. Eu me sentia como se fosse a moça mais rica do mundo.

— Você estará a salvo lá. É isso — disse a sra. Lynde enquanto íamos embora.

— Espero encontrar algumas coisas meio limitantes após a liberdade da Casa da Patty — falei só para provocá-la.

— Liberdade! — A sra. Lynde fungou. — Liberdade! Não fale como um ianque, Anne.

Ceguei hoje, de mala e cuia. Claro que detestei deixar Green Gables. Não importa a frequência e o tempo que eu fique longe, no minuto em que chegam as férias sou parte de lá de novo, como se nunca tivesse estado fora, e meu coração está despedaçado por ir embora, mas sei que vou gostar daqui. E ela gosta de mim. Sempre sei se uma casa gosta de mim ou não.

As vistas das minhas janelas são lindas... até o velho cemitério, que é circundado por uma fileira de abetos e alcançado por uma alameda ladeada por uma represa sinuosa. Da minha janela, a Oeste, posso ver toda a enseada ao longe, praias enevoadas com seus pequeninos veleiros, que eu adoro, e os navios navegando muito longe “para portos desconhecidos” — que frase fascinante! Tanto alcance para a imaginação nela! Da janela a Norte, posso ver o bosque de bétulas e bordos, do outro lado da estrada. Você sabe que sempre fui uma adoradora de árvores. Quando estudamos Tennyson no nosso curso de inglês em Redmond, eu sempre ficava tão triste pela pobre Enone, lamentando seus pinheiros desaparecidos.

Para além do bosque e do cemitério, fica um vale adorável com o laço vermelho lustroso de uma estrada o circundando, e casas brancas o salpicando. Alguns vales são amáveis... você não sabe dizer o porquê. Só de olhar para eles já lhe dá prazer. E para além dele de novo, o moinho azul. Eu o estou nomeando Rei da Tempestade... a paixão dominante etc.

Posso ficar tão solitária aqui quando quiser ficar. Você sabe que é muito bom ficar sozinho de vez em quando. Os ventos serão meus amigos. Eles irão gemer e suspirar e cantarolar ao redor da minha torre; os ventos brancos do inverno... os ventos verdes da primavera... os ventos azuis do verão... os ventos carmesins do outono... e os ventos selvagens de todas as estações... “Vento tempestuoso preenchendo seu mundo”. Sempre me emociono com esse versículo da Bíblia, como se cada um dos ventos tivesse uma mensagem para mim. Sempre invejei o menino que voou com o vento do Norte naquela velha e encantadora história de George MacDonald. Uma noite dessas, Gilbert, vou abrir a janela da minha torre e viajar nas asas do vento, e Rebecca Dew nunca saberá por que minha cama não foi desfeita naquela noite.

Espero que, quando encontrarmos nossa “casa dos sonhos”, amado, haja ventos ao redor dela. Imagino onde ela está... essa casa desconhecida. Eu a amarei mais ao luar ou ao alvorecer? Esse lar do futuro, onde nós teremos amor e amizade e trabalho... e algumas aventuras engraçadas para trazer risos nos nossos dias de velhice. Velhice! Podemos nunca envelhecer, Gilbert? Isso parece impossível.

Da janela da esquerda na torre, posso ver os telhados da cidade, este lugar em que devo viver por pelo menos um ano. Vivendo naquelas casas as pessoas que serão minhas amigas, mesmo eu ainda não as conhecendo. E talvez meus inimigos. Porque gente como os Pye são encontradas em todos os lugares, com todos os tipos de nomes, e eu entendo que os Pringle devem ser considerados assim. A escola começa amanhã. Terei de ensinar geometria! Certamente não pode ser pior do que aprendê-la. Rezo aos céus que entre os Pringle não haja gênios matemáticos.

Estou aqui somente durante a metade de um dia, mas sinto como se conhecesse essas janelas e Rebecca Dew minha vida inteira. Elas já me pediram que as chame de “tia”, e eu pedi que me chamem de “Anne”. Chamei Rebecca Dew de srta. Dew uma vez.

— Srta. o quê?

Ela riu.

— Dew — falei gentilmente. — Não é o seu nome?

— Bem, sim, é, mas não sou chamada de “srta. Dew” há tanto tempo que revirou minha mente. É melhor não fazer mais isso, srta. Shirley. Não estou acostumada.

— Vou me lembrar disso, Rebecca... Dew — eu disse, tentando o meu melhor para deixar o “Dew” de lado e não obtendo sucesso.

A sra. Braddock estava correta ao dizer que tia Chatty é sensível. Descobri na hora da ceia. Tia Kate falou algo a respeito do “aniversário de sessenta e seis anos de Chatty”. Aconteceu de eu olhar para tia Chatty e ver que ela tinha... não, não explodido em lágrimas. Esse é um termo muito explosivo para o desempenho dela. Ela apenas transbordou. As lágrimas brotaram nos seus olhos grandes e marrons e se derramaram, sem esforço e silenciosamente.

— Qual é o problema agora, Chatty? — perguntou tia Kate, bastante severa.

— É que... foi só meu aniversário de sessenta e seis anos — respondeu ela.

— Perdão, Charlotte — disse tia Kate.

E tudo ficou bem de novo.

O gato é um adorável machinho com olhos dourados, pelagem elegante de maltês de cor poeirenta e irrepreensível. Tias Kate e Chatty o chamam de Dusty Miller, pois esse é o seu nome, e Rebecca Dew o chama de aquele gato porque ela tem ressentimento dele e do fato de ter de lhe dar um quadradinho de fígado todas as manhãs e à noite, limpar seus pelos da poltrona da sala com uma escova de dentes velha sempre que ele dá uma cochilada lá e procurá-lo se ele fica para fora até tarde da noite.

— Rebecca Dew sempre detestou gatos — tia Chatty me contou — e ela detesta especialmente Dusty. O velho cão da sra. Campbell... ela então tinha um cachorro... o trouxe aqui dois anos atrás em sua boca. Suponho que ele pensou que não adiantava levá-lo à sra. Campbell. Um gatinho tão triste, todo molhado e gelado, com seus ossinhos quase furando a pele. Nem um coração de pedra conseguiria lhe negar abrigo. Então Kate e eu o adotamos, mas Rebecca Dew realmente nunca nos perdoou. Nós não éramos diplomáticas naquela época. Devíamos ter nos recusado a acolhê-lo. Não sei se você reparou — tia Chatty olhou cuidadosamente ao redor, para a porta entre a sala de jantar e a cozinha — em como lidamos com Rebecca Dew.

Eu tinha reparado, e era lindo de observar. Summerside e Rebecca Dew talvez pensem que ela é a mandachuva, mas as viúvas sabem que não.

— Nós não queríamos acolher o banqueiro. Um homem jovem teria sido tão inquietante e teríamos de nos preocupar tanto se ele não fosse à igreja regularmente, mas nós fingimos que sim, e Rebecca Dew simplesmente não queria nem ouvir falar. Estou tão contente que temos você aqui, querida. Sinto-me segura de que você será uma ótima pessoa para quem cozinhar. Espero que goste de nós. Rebecca Dew tem algumas qualidades refinadas. Ela não era tão arrumada quando chegou, quinze anos atrás, quanto é agora. Uma vez, Kate precisou escrever o nome dela, “Rebecca Dew”, bem no espelho da sala para mostrar o pó, mas ela jamais teve de fazer isso de novo. Rebecca Dew entende indiretas. Espero que considere o seu quarto confortável, querida. Talvez possa abrir sua janela à noite. Kate não aprova o ar noturno, mas reconhece que pensionistas devem ter privilégios. Eu e ela dormimos juntas e concordamos que numa noite a janela fica fechada para ela e na seguinte fica aberta para mim. As pessoas sempre podem resolver pequenos problemas como esse, não acha? Onde há boa vontade, sempre se dá um jeito. Não fique alarmada se ouvir Rebecca perambulando muito à noite. Ela sempre ouve barulhos e se levanta para investigá-los. Penso ser por isso que ela não queria o banqueiro. Tinha medo de topar de camisola com ele. Espero que não se importe que Kate não converse muito... Ela viajou pelo mundo todo com Amasa MacComber em seus dias de juventude. Eu queria saber de todos os assuntos que ela sabe, mas nunca saí da ilha. Sempre me perguntei por que as coisas foram assim... eu adorando conversar e sem nada para dizer, e Kate com tudo a dizer e detestando conversar, mas acho que a Providência é sábia.

Mesmo tia Chatty sendo uma faladeira, ela não disse tudo isso sem uma pausa. Fiz observações em intervalos adequados, mas não eram importantes.

Elas mantêm uma vaca, que é pastoreada na propriedade do sr. James Hamilton, subindo a estrada, e Rebecca Dew vai até lá para ordenhá-la. Há uma quantidade de leite, e eu soube que todas as manhãs e à noite Rebecca Dew passa um copo de leite fresco pela abertura do muro para a “Mulher” da sra. Campbell. “É para a pequena Elizabeth”, que precisa dele sob ordens médicas. Quem é a “Mulher”, ou quem é Elizabeth, ainda

preciso descobrir. A sra. Campbell é a habitante da fortaleza vizinha... que é chamada de Evergreens.

Não espero dormir esta noite. Nunca durmo na minha primeira noite numa cama estranha e esta é a cama mais estranha que já vi, mas não me importo. Sempre amei a noite e vou gostar de ficar deitada em claro e pensando sobre tudo na vida, passado, presente e porvir. Especialmente o porvir.

Esta é uma carta impiedosa, Gilbert. Não vou castigá-lo com outra tão longa de novo, mas eu queria lhe contar tudo, de forma que você pudesse fazer por si mesmo uma imagem do que me cerca. Ela precisa acabar agora, porque para além da enseada a lua está “afundando na terra da sombra”. Ainda preciso escrever uma carta para Marilla. A correspondência chegará a Green Gables depois de amanhã, e Davy a levará da estação dos correios para casa. Ele e Dora se amontoarão em volta de Marilla enquanto ela a abre e a sra. Lynde ficará com as duas orelhas em pé... Oh! Fiquei com saudade de casa. Boa noite, amado, daquela que é hoje e será sempre

*Carinhosamente sua,
Anne Shirley.*